

---

# O CINEMA COMO DISPOSITIVO NA PRÁTICA SOCIAL CARTOGRÁFICA: A PROPOSTA METODOLÓGICA DA PRODUÇÃO COLETIVA DO FILME “LOCALIZAÇÃO E IDENTIDADE”

**CINEMA AS A DEVICE IN SOCIAL CARTOGRAPHIC PRACTICE: THE METHODOLOGICAL PROPOSAL  
OF THE COLLECTIVE PRODUCTION OF THE FILM “LOCALIZATION AN IDENTITY”**

**EL CINE COMO DISPOSITIVO EM LA PRÁCTICA CARTOGRÁFICA SOCIAL: LA PROPUESTA  
METODOLÓGICA PARA LA PRODUCCIÓN COLECTIVA DE LA PELÍCULA “UBICACIÓN E IDENTIDAD”**

Rogério Borges<sup>1</sup>

Andréa Aparecida Zacharias<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo propor outras cartografias ao apresentar a experiência com o desenvolvimento de uma proposta metodológica para a produção coletiva do filme “Localização e Identidade”, material integrante da versão cinematográfica do Atlas Municipal Escolar de Ourinhos-SP. Utilizando o cinema como um dispositivo para a prática do método cartográfico, a pesquisa consistiu na gravação de entrevistas, criação de cenas *live action*, produção de fotografias, captação de imagens por drone e a montagem cinematográfica, que incorporou outras linguagens complementares. Buscamos, nos fragmentos em imagens e sons, indícios que nos aproximassem de uma apreensão da realidade já alterada pela intervenção do pesquisador. A Validação dos resultados, em sala de aula, demonstra o caráter múltiplo e eventual do lugar, apontando caminhos para a viabilização da produção audiovisual utilizando programas e ferramentas acessíveis no cotidiano escolar.

**Palavras-chave:** Cinema. Prática Cartográfica. Educação Geográfica. Lugar.

---

1 Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP/Campinas -SP. Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Câmpus de Rio Claro - SP. Diretor de Cinema e Presidente do Grupo de Pesquisa e Prática Cinematográfica Kino-Olho do Município de Rio Claro - SP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0511-3111>; <http://lattes.cnpq.br/3942083975820864>. E-mail: [borgesrioclaro@gmail.com](mailto:borgesrioclaro@gmail.com).

2 PhD em Geografia, Prof<sup>a</sup> da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Campus de Ourinhos-SP, Prof<sup>a</sup> Credenciada no Programa de Pós-Graduação em Geografia - UNESP/Campus de Rio Claro - SP, Líder do Grupo de Pesquisa em Geotecnologias e Cartografia aplicadas à Geografia – GEOCART. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9992-7927>; <http://lattes.cnpq.br/8074996481293417>. E-mail: [andrea.zacharias@unesp.br](mailto:andrea.zacharias@unesp.br).

Agradecimentos:

1 A pesquisa contou com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), por meio de uma bolsa de mestrado vinculada à cota Institucional do Programa de Pós-graduação em Geografia da UNESP/Rio Claro e, oito bolsas de Graduação vinculadas ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID Geografia da Unesp Ourinhos.

2 Um agradecimento à Dona Paulina Nogueira, ao Professor Francisco Cláudio Granja e ao Fernando Cavezale (in memoriam) que, diretamente e/ou indiretamente, fizeram parte do Filme “Localização e Identidade”, seja por meio de informações, entrevistas, filmagens, músicas, entre outros, mas que por força maior “aos que partiram desta vida, a paz agora é eterna. E, aos que aqui ainda estão, resta honrar e homenagear o legado que nos deixaram” (frases.com.br), eternizado nesta produção cinematográfica coletiva.

Artigo recebido em abril de 2021 e aceito para publicação em julho de 2021.

---

**ABSTRACT:** This work has as objective to propose other cartographies by presenting the experience of the experience with the development of a methodological proposal for the collective production of the movie “Localization and Identity”, material that is part of the cinematographic version of the Municipal School Atlas of Ourinhos-SP. Using cinema as a device for the practice of the cartographic method, the research consisted of recording interviews, creating live action scenes, producing photographs, capturing images by drone and cinematographic montage, which incorporated other complementary languages. In the fragments of images and sounds, we looked for indications that would bring us closer to an apprehension of reality that has already been altered by the researcher’s intervention. Validation of results, in the classroom, demonstrate the multiple and eventual character of the place, pointing out ways to make audiovisual production feasible using programs and tools accessible in everyday school life.

**Keywords:** Cinema. Cartographic Practice. Geographic Education. Place.

**RESUMEN:** Este trabajo tiene como objetivo proponer otras cartografías presentando la experiencia con el desarrollo de una propuesta metodológica para la producción colectiva de la película “Localización e Identidad”, material que forma parte de la versión cinematográfica del Atlas Escolar Municipal de Ourinhos-SP. Utilizando el cine como dispositivo para la práctica del método cartográfico, la investigación consistió en grabar entrevistas, crear escenas de acción en vivo, producir fotografías, capturar imágenes mediante drones y montaje cinematográfico, que incorporó otros lenguajes complementarios. En los fragmentos de imágenes y sonidos buscamos indicios que nos acerquen a una aprehensión de la realidad que ya ha sido alterada por la intervención del investigador. Validación de resultados, en el aula, demuestran el carácter múltiple y eventual del lugar, señalando formas de viabilizar la producción audiovisual mediante programas y herramientas accesibles en la vida escolar cotidiana.

**Palabra clave:** Cine. Práctica Cartográfica. Educación Geográfica. Lugar.

## **EM BUSCA DE OUTRAS CARTOGRAFIAS: O CINEMA COMO DISPOSITIVO**

A incorporação da arte e da tecnologia na educação geográfica vem ganhando destaque em diversas pesquisas que apontam as múltiplas linguagens – e suas interseções – como caminhos para pensar novas formas de compreensão e apreensão da realidade geográfica. A utilização do termo “educação geográfica” - ao invés de “ensino de Geografia” - é inclusive uma proposta que implica mudanças de paradigma, a partir do momento em que se considera outras possibilidades educativas, muito bem elucidadas por Rego e Costella (2019) ao esclarecerem que:

[...] enquanto o *ensino* pode ser entendido como uma forma sistemática de transmissão de conhecimentos, que encontra na instituição escolar o seu meio mais usual, a *educação* enfatiza um processo de socialização que inclui o ensino escolar sem se resumir a esse, processo presente em todas as sociedades através do tempo, inclusive naquelas em que não existe ou não existiu a instituição escolar (REGO; COSTELLA, 2019, p. 2).

Assim, para os autores op.cit., quando pensamos em educação geográfica, não se trata de “ensinar” Geografia, mas “educar” através da Geografia diferentes olhares (REGO; COSTELLA, 2019). Nesse sentido, o componente Geografia em sala de aula, é um exercício intelectual que define a maneira como imaginamos espaço e lugar, através das nossas imagens mentais do mundo, constituídas na contemporaneidade predominantemente pelos meios digitais (MASSEY, 2017). No entanto, o desenvolvimento dessas ferramentas levou a uma massificação do consumo de mapas – e todas as variações possíveis dos produtos cartográficos – passando, por vezes, a “impressão de que a obra é uma manifestação da realidade por si mesma, e não um gesto cultural de um autor ou grupo” (OLIVEIRA JUNIOR, 2011, p. 2). Essa impressão configura uma relação com os mapas sem resistência e tensionamento crítico, que necessita de um movimento de forças no campo da Geografia, no qual Girardi (2007) define como:

[...] uma agenda a ser assumida pelos geógrafos engajados nas geotecnologias: superar a lógica precisão–produtividade e nutrir-se dos avanços das pesquisas geográficas tanto quanto o fazem em relação às inovações tecnológicas. No caminho oposto, é agenda a ser assumida pelos geógrafos pouco familiarizados com as geotecnologias colaborar com demandas e críticas, com problemas cuja solução implique na ampliação do diálogo geocartográfico. Eis o maior desafio (GIRARDI, 2007, p. 62 – grifo nosso).

Por outro lado, o termo “múltiplas linguagens”, além de legitimado e constantemente enfatizado no documento que compõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o traz de maneira vaga e confusa. Percebemos, que há a tentativa de abertura da utilização de linguagens diversas no ensino de Geografia, mas quando busca justificar tal uso, o texto recorre aos mapas, à cartografia e aos usos de Tecnologia Digital de Informação e Comunicação (TDIC), para as diferentes leituras de mundo, de forma crítica e reflexiva, ao explicitar que:

[...] a exploração das noções de espaço e tempo deve se dar por meio de diferentes linguagens, de forma a permitir que os alunos se tornem produtores e leitores de mapas dos mais variados lugares vividos, concebidos e percebidos (BRASIL, 2018, p. 353).

E, nesse contexto, mais adiante, ainda destaca que:

[...] faz-se necessário o desenvolvimento de habilidades voltadas para o uso concomitante de diferentes linguagens (oral, escrita, cartográfica, estética, técnica etc.). Por meio delas, torna-se possível o diálogo, a comunicação e a socialização dos indivíduos, condição necessária tanto para a resolução de conflitos quanto para um convívio equilibrado entre diferentes povos e culturas (BRASIL, 2018, p. 356).

Novamente, há uma suposta defesa da incorporação de novas linguagens, mas ao exemplificar, o documento recorre às linguagens mais utilizadas no ensino tradicional, como a oral, a escrita e a cartográfica. Há ainda a sugestão de uma “linguagem estética”, sem aprofundar sobre o conceito, e deixando a dúvida se não faria mais sentido pensar

nas estéticas das diversas linguagens. E, para concluir, sem maiores aprofundamentos, indica como sugestão o uso de uma linguagem “técnica”, nos exemplos citados, com a perspectiva de possibilitar o diálogo com diferentes povos e culturas.

Além, apresenta um encaminhamento mais direcionado, ao citar algumas linguagens não tradicionais, mencionando que:

[...] fotografias, mapas, esquemas, desenhos, imagens de satélites, audiovisuais, gráficos, entre alternativas, são frequentemente utilizados no componente curricular. Quanto mais diversificado for o trabalho com linguagens, maior o repertório construído pelos alunos, ampliando a produção de sentidos na leitura de mundo. Compreender as particularidades de cada linguagem, em suas potencialidades e em suas limitações, conduz ao reconhecimento dos produtos dessas linguagens não como verdades, mas como possibilidades (BRASIL, 2018, p. 363).

Nesse sentido, diversos autores apontam a necessidade da expansão de novas linguagens que possam ser incorporadas nas práticas pedagógicas, para além da linguagem verbal - oral e escrita - e da linguagem cartográfica. A demanda é um movimento gerado a partir do crescente descompasso entre as linguagens comuns no cotidiano dos alunos e a realidade escolar, o que intensificou uma crise educacional de várias naturezas, entre elas, quanto aos tipos de suportes materiais disponibilizados como recursos didáticos.

Assim, dentre as perspectivas de exploração no amplo universo das linguagens, o cinema é apontado como um dos caminhos a ser percorrido na linha de ensino de Geografia. As possibilidades, que uma obra cinematográfica proporciona, dialogam com a leitura das paisagens visuais e sonoras, com o acesso a lugares desconhecidos, conectados ou desconectados a diferentes territórios compostos por múltiplas territorialidades, além de suscitar experiências em novos espaços e tempos. Como uma obra de arte que permite uma experiência intensa, que por vezes é confundida com a própria realidade, o cinema pode gerar movimentos e rupturas nas estruturas tradicionais da educação.

A experiência proporcionada pelo cinema através dos filmes permite ao espectador conhecer outros mundos diferentes do seu, expandindo seu repertório cultural através das obras de arte. Porém, o acesso à cultura não se dá de maneira homogênea na sociedade. Bergala (2008, p. 33) acredita que “[...] se o encontro com o cinema como arte não ocorrer na escola, há muitas crianças para as quais ele corre o risco de não ocorrer em lugar nenhum”.

Como uma forma de arte que cria um espaço-tempo próprio, o cinema é um agente de composição dos lugares, sugerindo novos arranjos legitimados pelos principais sentidos humanos: a visão e a audição. Segundo Aitken e Zonn (2009):

A maneira como são utilizados os espaços e como são retratados os lugares no cinema reflete normas culturais, costumes morais, estruturas sociais e ideologias preponderantes. Concomitantemente, o impacto de um filme sobre um público pode moldar experiências sociais, culturais e ambientais (AITKEN: ZONN, 2009, p. 19).

À medida que dissemina valores, apresenta lugares e propõe novas relações, o cinema pode ser compreendido como uma experiência de alteridade, na qual esse corpo estranho atravessa o espectador, permitindo-o enxergar além da sua realidade concreta. Os

filmes possuem uma geografia própria, num lugar criado segundo uma intencionalidade e proposta estética, mas que só passa a existir quando entra em contato com o público, possibilitando nesses encontros novas fissuras, questionando o que estava previamente concebido. Para cada indivíduo ou grupo a obra soa de maneira diferente, como aponta Oliveira JR. (2005), ao dizer que:

[...] o “encontro” com uma geografia de um filme não é a descoberta daquilo que está por trás das suas imagens e sons, pois a idéia de que exista algo por trás das coisas é ligada à de que exista um sentido último (uma essência) nessas coisas, no caso, as imagens (paisagens...) dos filmes. Não é essa a proposição que faço, mas a de que o conhecimento acerca das coisas se dá não propriamente nelas, mas no encontro entre elas e o que existe em nós, que as imagens e sons filmicos “sugam”/mobilizam certas memórias em seu “entendimento”, e ao mesmo tempo que o faz cria, em imagens e sons, memórias do mundo e da existência (OLIVEIRA JUNIOR., 2005, p. 29).

As geografias presentes nos filmes reverberam numa multiplicidade de dimensões dos blocos de sensações (DELEUZE, 2007) que compõem a obra, tornando a experiência cinematográfica uma potência não só para o ensino de Geografia, mas para a educação geográfica. A distinção entre as noções de “ensino de Geografia” e “educação geográfica” nos coloca algumas reflexões acerca das possibilidades envolvendo o cinema em sala de aula e os movimentos gerados a partir dessa prática.

Contudo, mesmo com pesquisadores reconhecendo a importância da utilização do cinema no ensino de Geografia e de sua potência emancipadora para a educação, ainda são poucas as pesquisas na área que aprofundaram a experiência cinematográfica na noção de educação geográfica. Em sua maioria,

[...] as pesquisas são centradas na exibição e discussão de filmes, ainda é comum a redução do cinema a um atalho para temas e conteúdos geográficos. Sua utilização no ensino de Geografia geralmente é dada de acordo com o tema dos filmes, com a narrativa apresentada, com a busca pelo “real” através dos documentários, entre outras intencionalidades que negligenciam a profundidade das obras em detrimento de um uso informativo e, por vezes, ilustrativo do que já foi estudado nos moldes tradicionais. Esse tipo de prática reduz a potência do cinema como experiência humana, induzindo uma leitura exclusivamente instrumental das obras, com o objetivo final de relacioná-la a um determinado conteúdo, podendo sua capacidade emancipadora ao definir apenas o tema como foco central da prática (BORGES, 2020, p. 29-30).

Entretanto, quando o cinema se torna uma experiência cotidiana do aluno no processo educativo, a escola cria um espaço de reflexão e de contemplação das obras de arte, permitindo novos olhares sobre o mundo a partir da alteridade. A experiência do espectador transcende o seu entorno, permitindo ser tocado por diversos sentidos, podendo desenvolver assim a multiplicidade de sua leitura do mundo através das imagens e sons.

Barbosa (1999, p. 131) destaca um caminho possível para a interface entre Geografia e cinema, ao explicitar que “[...] o diálogo da Geografia com o cinema é um vir-a-ser, capaz

de contribuir para superar a nossa condição de meros objetos das representações. E assim, fazer as nossas salas de aula lugares de invenção de novas e mais generosas utopias”.

Em busca dessas utopias e desses lugares de invenção, considerando as rotas alteradas apresentadas por Massey (2008), durante o processo de filmagem como uma potência geográfica, o artigo explicita sobre a proposta metodológica inovadora desenvolvida por Borges (2020), de inverter a referência em cinema trabalhada usualmente no ensino de Geografia, na qual optamos por não trazer obras de arte produzidas externamente como um viés para a construção do conhecimento local, mas sim gravar os filmes localmente e, confrontá-los com o que os alunos pensam sobre seu espaço de vivência. E, para isso utilizamos o município de Ourinhos como recorte espacial, em busca de espaços conhecidos pelos alunos, que rerepresentassem seus lugares dentro de uma obra cinematográfica.

Posto os desafios, nosso objetivo é compartilhar as etapas desta metodologia, que traduz a produção coletiva do filme “Localização e Identidade”, e que integra a versão cinematográfica do Atlas Municipal Escolar de Ourinhos-SP<sup>3</sup>, cujos recursos audiovisuais acessíveis podem trazer outras formas de cartografar e pensar o lugar.

## **OS CAMINHOS METODOLÓGICOS E OS PROCESSOS CRIATIVOS ABERTOS**

### **A Elaboração teórico-metodológica para os desafios da Tríade: Cinema x Educação x Geografia**

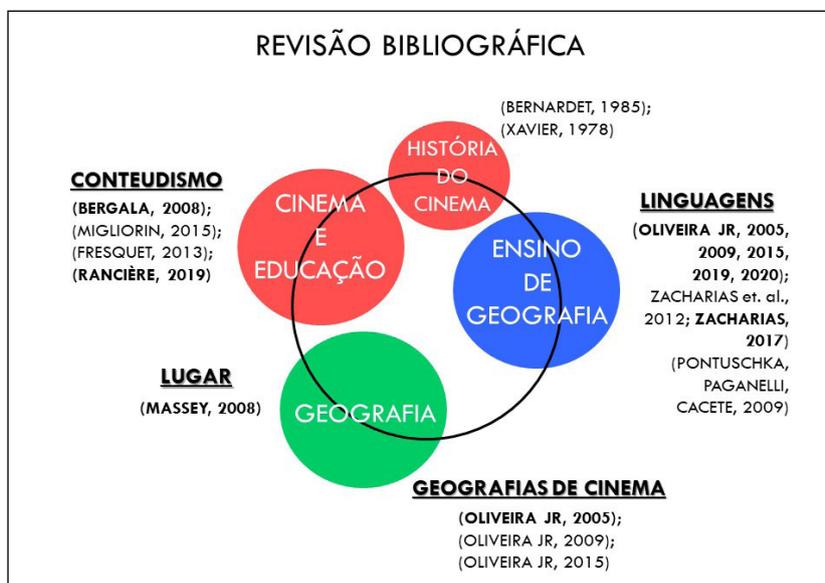
Pensar o cinema como um agente perturbador na escola é aceitar sua real potência de modificar padrões e questionar tradicionalismos, em busca de deslocamentos no processo pedagógico. É necessário assumir posturas sem o medo de “passar do ponto”, afinal esse ponto já não existe em um modelo ideal e muito provavelmente não estaríamos pensando novas possibilidades se o caminho vigente estivesse conduzindo a um destino confiável. Mais do que entreter os alunos ou tornar digerível conteúdos densos de Geografia, o cinema pode ser o próprio fator geográfico, que atua tanto na leitura do lugar, quanto em sua constante transformação (BORGES, 2020).

Nesse sentido, a revisão bibliográfica (Figura 1) auxiliou na busca pelas principais relações entre Cinema, Educação e Geografia, utilizando o conceito de lugar como ponto de partida e suas interações a partir de diferentes linguagens.

Com a clareza dos referenciais teóricos, iniciamos as atividades em busca de uma prática cinematográfica dentro da Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof<sup>a</sup> Adelaide Pedroso Racanello<sup>4</sup>, na qual o produto filme foi uma etapa de grande relevância. E, por proporcionar a experiência com “filmes que resistem ao público” (BERGALA, 2008), criamos obras com informações e conteúdos explicitamente embutidos, mas também com a preocupação em proporcionar uma linguagem cinematográfica que gerasse movimentos para fora dos padrões comerciais e televisivos. Com algumas cenas imersivas e uma narrativa que “paira” sobre Ourinhos, rerepresentamos o lugar por um recorte múltiplo, baseados nas três crenças de Cezar Migliorin, destacadas por Fresquet (2013):

[...] a primeira crença no cinema e na sua possibilidade de intensificar as invenções de mundos, ou seja, da possibilidade que o cinema tem de tornar comum o que não nos pertence, o que está distante, as formas de vida e as formas de ocupar os espaços e habitar o tempo. A segunda crença é na escola, como espaço em

que o risco dessas invenções de tempo e espaço é possível e desejável. Isto não significa pensar no belo, no conforto ou na harmonia. Significa que é possível inventar espaços e tempos que possam perturbar uma ordem dada, do que está instituído, dos lugares de poder. A terceira crença, necessária para essa relação do cinema com a escola, é na própria criança, nos jovens e na força do seu encontro com filmes, imagens, sons. Trata-se de uma crença na capacidade de autoria, no gesto emancipado e de leitura intelectual e sensível dos filmes, assim como de processos criativos (FRESQUET, 2013, p. 25 – grifo nosso).



Fonte: Borges (2020) - adaptado pelos autores (2021).

**Figura 1.** Principais autores cujos conceitos influenciaram o desenvolvimento da Proposta Metodológica - CINEMA X EDUCAÇÃO X GEOGRAFIA – inserida na Versão Cinematográfica do Atlas Municipal Escolar de Ourinhos/SP.

## Processos criativos abertos: formação de equipes, entrevistas, cenas, desvios

### a) Formação de Equipes

Com a perspectiva de atender algumas das propostas do projeto âncora (nota 1), considerando à dimensão de seus eixos temáticos (ZACHARIAS *et al.*, 2012; ZACHARIAS, 2017), adotamos o filme do eixo 1 (“*Localização e Identidade*”), como episódio-piloto<sup>5</sup> para a criação da metodologia que conduzirá as futuras produções dos demais filmes do projeto.

E, para isto, formamos uma articulação de maneira colaborativa, visando a produção da filmagem, entre: a) a **universidade**, por meio de professores universitários pesquisadores (que colaboraram com entrevistas e trocas de informações acerca do município), aluno de pós-graduação (mestrando pesquisador, cineasta e idealizador da proposta metodológica), alunos de graduação (oito bolsistas vinculados ao projeto âncora pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID GEOGRAFIA UNESP/Ourinhos/SP - Núcleo Escola Racanello, no período de 2018 a 2020) e; b) a **escola parceira**, por meio do professor da rede municipal (professor supervisor selecionado pelo

PIBID Geografia UNESP OURINHOS, no período supracitado) e os alunos do Ensino Fundamental (II Ciclo), que participariam da validação do filme produzido; de forma que todos os envolvidos pelas suas práticas pedagógicas, estabelecessem relações entre a teoria e a prática, transformando a educação geográfica em suas aulas.

Nesta lógica, em fevereiro de 2019, num primeiro momento, ministramos uma formação<sup>6</sup> para os licenciandos integrantes do PIBID GEOGRAFIA UNESP/Ourinhos-SP, denominada “*Geografia e Cinema*”, para formarmos a equipe de cinema que nos auxiliaria na aplicação da metodologia de produção coletiva do filme. Nesta, conversamos sobre as possibilidades educativas na interface entre as referidas ciência e arte e, realizamos diversas práticas cinematográficas, como exibição e debates de filmes, escutas sobre o lugar nas praças de Ourinhos pelos diferentes sujeitos ourinhenses, categorização das entrevistas/roteirização de acordo com os eixos temáticos do projeto<sup>7</sup> e produção um filme-ensaio com a equipe técnica recém-formada.

## **b) Gravações, Cenas e Desvios**

Com esses desafios lançados, o cinema como dispositivo para a prática cartográfica teve seu início com produções cinematográficas coletivas, em que os eixos temáticos desenvolvidos se configuraram como novos desdobramentos desse dispositivo, produzindo movimentos que se transformaram em práticas educativas-geográficas, além de práticas que se transformaram em metodologia de pesquisa e produção cinematográfica.

Sobre o caráter inventivo do método da cartografia, Barros e Kastrup (2015, p. 56) acreditam que “[...] coloca a ciência em constante movimento de transformação, não apenas refazendo seus enunciados, mas criando novos problemas e exigindo práticas originais de investigação”. Para as autoras, a proposta do método da cartografia “[...] tem como desafio desenvolver práticas de acompanhamento de processos inventivos e de produção de subjetividades” (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 56). Dessa forma, cada vez mais nos afastávamos da ideia de representação da realidade e assumíamos a ideia de acompanhamento de processos, considerando nosso percurso inventivo como um caminhar errante (DUSCHATZKY, 2007), no qual o lugar implicava alterações na metodologia de produção cinematográfica, e nossa intervenção como geógrafos-cineastas-educadores se configurava como agente de composição desse lugar.

As gravações iniciaram-se em março de 2019, onde dividimos os licenciandos do PIBID em 2 (dois) núcleos – A e B – (Quadro 1) para que pudéssemos trabalhar com equipes menores no *set* de filmagem e, também, para não prejudicar a carga horária de atividades na Escola Racanello. O Quadro 1 apresenta os responsáveis por cada função nas equipes de produção.

**Quadro 1.** Equipe Técnica Cinematográfica .

<b>Função</b>	<b>Núcleo A</b>	<b>Núcleo B</b>
Diretor cinematográfico / diretor de fotografia	Rogério Borges	Rogério Borges
Assistente de direção	Júlia de Faria	Juan Lourenço
Operador(a) de som direto	Beatriz Luvizotto	Matheus Vargas
Assistente de fotografia e arte	Lizandra Teixeira	Carolina Brizotti
Produtor(a)	Iany Casatti	Matheus Camargo
Elenco de apoio / assistente de produção	Lucas Bittencourt	Weber Carvalho

Fonte: Borges (2020) - Equipe elaborada coletivamente com os licenciandos do PIBID UNESP Ourinhos, na formação Cinema e Geografia.

Todos os licenciandos já haviam realizado as escutas nas praças de Ourinhos e, coletivamente definimos que gravaríamos cenas roteirizadas em *live action*<sup>8</sup> mais as entrevistas com um conjunto de pessoas que foi formado da maneira mais diversa e múltipla possível, sendo que: a) durante as escutas nas praças, um dos entrevistados nos indicou procurar uma senhora centenária (Figura 3B); b) um caminhoneiro chamou outro e juntos indicaram um terceiro colega de profissão para participar do filme (Figura 3A); c) um aluno do oitavo ano que ia participar, mas desistiu nas vésperas, entrando um vizinho da senhora para atuar em seu lugar; d) um produtor audiovisual que colocou seus equipamentos/mão-de-obra à nossa disposição; e) o Secretário de Cultura que indicou um museu de artes para visitarmos; f) além do convite a dois professores universitários da Unesp de Ourinhos, indicados pela professora Andréa Aparecida Zacharias, que muito agregariam com conhecimentos teóricos e práticos sobre os temas no eixo produzido.

A partir do momento em que iniciamos a produção cinematográfica, nem a proposta do projeto e nem a equipe de cinema interferiam nas falas e cenas. Daquele andamento, pela escolha do *live action*, eram os diferentes agentes humanos envolvidos que elencavam os personagens do filme. Assim, os roteiros eram frágeis e suscetíveis às nuances inerentes à uma produção coletiva e colaborativa. E, pouco a pouco, o processo criativo ampliava o conjunto de pessoas envolvidas, formando uma rede, que só parecia aumentar. Não havia contrato e nem remuneração, não era um formato profissional nos arranjos do cinema industrial, mas o filme inevitavelmente seria um fragmento do lugar gestado nos encontros e desencontros com as demandas corriqueiras da vida de cada um, cujas identidades, memórias e vivências permeavam suas relações afetivas, bem como o encontro de trajetórias ao lugar.

Começamos então a fazer contatos com os possíveis entrevistados, tentando conciliar os horários e assim agendamos com dois professores da UNESP Ourinhos para uma conversa de caráter e cunho científico, sendo eles o Prof. Adjunto Edson Luís Piroli<sup>9</sup> e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fabiana Lopes da Cunha<sup>10</sup>, que falaram sobre os temas “Localização e Identidade” e “Formação Territorial, Cultura e Memória” (tema-título do segundo filme, não constante neste artigo).

A disponibilidade de horário dos docentes não era compatível com a dos licenciandos e o tempo que eles disponibilizaram para a entrevista não seria suficiente para montar um *set* de filmagem, o que produziu novos desvios no processo produtivo. O planejamento inicial desenvolvido na formação com o PIBID foi transformado em um processo aberto pela imprevisibilidade das inúmeras variáveis que precisávamos conciliar. Com um gravador de som em mãos, entrevistamos no Campus da UNESP/Ourinhos-SP os respectivos professores, utilizando os subtemas dos eixos temáticos como pauta, conforme observado no Quadro 2.

**Quadro 2.** Relação entre docentes da UNESP Ourinhos e eixos temáticos

<b>Pauta das entrevistas com os docentes UNESP Ourinhos</b>	
<b>Prof. Dr. Edson Luis Piroli: Localização e Identidade</b>	
1º Sub-tema: Onde estamos na Terra	<ul style="list-style-type: none"><li>• O município de Ourinhos;</li><li>• Ourinhos na região de governo;</li><li>• Ourinhos na região administrativa;</li><li>• A região administrativa no estado de São Paulo;</li><li>• O estado de São Paulo no Brasil;</li><li>• O Brasil na América;</li><li>• A América no mundo.</li></ul>
2º Sub-tema: Nossa localização nas bacias hidrográficas	<ul style="list-style-type: none"><li>• Ourinhos na bacia hidrográfica do médio Paranapanema;</li><li>• A vertente paulista da bacia hidrográfica do Paranapanema;</li><li>• A bacia do Paranapanema no estado de SP;</li><li>• A bacia do Paranapanema no Brasil;</li><li>• Divisão política administrativa (urbano x rural)</li><li>• Divisão regional (urbano x rural)</li></ul>
Prof.ª Dr.ª Fabiana Lopes da Cunha: Formação Territorial, Cultura e Memória	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Sítios arqueológicos e os primeiros habitantes;</li><li>• A ocupação do território e os nativos;</li><li>• O início do povoamento e a origem de Ourinhos.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• A ferrovia e as fazendas de café;</li><li>• Imigração e cultura.</li></ul>

Fonte: Rogério Borges (2020).

A entrevista com o professor Piroli foi gravada numa única tomada de 11 (onze) minutos de duração, na qual, à cada subtema abordado, novas ramificações surgiam, demonstrando que a conversa tinha muito mais potência para abrir novas questões do que para fechar nossas questões prévias.

Piroli (2019) iniciou sua fala pelo subtema “Nossa localização nas bacias hidrográficas”, dizendo que:

[...] a primeira questão aqui: “Ourinhos na bacia hidrográfica do médio Paranapanema”... eu trocaria o termo “bacia hidrográfica” por “Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos”, que é a UGRHI, porque o médio Paranapanema é composto por várias bacias menores, que no nosso caso é o Rio Pardo, o Rio Turvo, o Rio Novo, o Rio Pari e o Rio Capivari. Então, neste caso, na UGRHI médio Paranapanema nós estamos quase na metade, bem ao sul, porque a foz do Rio Turvo está em Ourinhos e a foz do Rio Pardo está em Salto Grande, que é bem próximo a Ourinhos. Só que depois, pro oeste, nós ainda temos o Rio Novo, o Rio Pari e o Capivari. Então, na UGRHI 17, que é o médio Paranapanema, Ourinhos está mais ou menos no meio, na borda sul (PIROLI, 2019 - transcrição de entrevista gravada).

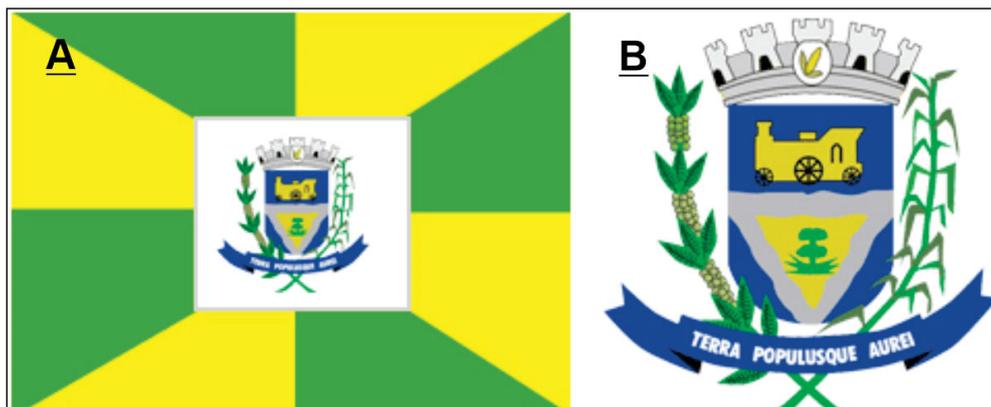
Sua narrativa também apresentou aspectos do lugar relacionados à origem, uso e ocupação do solo, ao dizer que “[...] um outro detalhe importante é que ele (Rio Paranapanema) corre em regiões importantes de solos de origem basáltica, então ele corre em áreas de latossolos, litossolos, que são regiões onde tem uma produção agrícola muito grande” (PIROLI, 2019 - gravação). Outro fator destacado pelo professor foi a presença de usinas hidrelétricas e represas:

[...] isso porque é um rio de planalto, tinha bastante cachoeira, corredeiras. Atualmente não tem, porque tem 11 represas de usinas hidrelétricas ao longo do leito do Rio Paranapanema. Em Ourinhos tem uma, em Salto Grande tem outra, depois nós temos o Capivari, que é muito grande nos municípios rumo à oeste, abrange áreas de Cândido Mota, Assis. Depois tem Canoas I, Canoas II, depois, a última, é Rosana. Depois, pro leste, tem várias outras (PIROLI, 2019 – transcrição de entrevista gravada)

Seu conhecimento científico trouxe muitas informações em um vocabulário mais técnico, mas o tempo curto para a conversa não permitiu o aprofundamento e o tensionamento crítico da pauta. Pensando que nosso objetivo era de que o produto cartográfico final - filme documentário - não passasse de 20 (vinte) minutos, consideramos que uma conversa informativa de 11 (onze) minutos foi o suficiente para nos amparar com uma locução didática dos temas.

Após finalizar a primeira entrevista, na sequência já iniciamos a segunda entrevista com a Prof<sup>a</sup> Fabiana, que durou aproximadamente 40 (quarenta) minutos de gravação. Assim, a professora iniciou sua fala a partir dos elementos presentes na bandeira (Figura 2A) e no brasão (Figura 2B) do município, ao dizer que:

Se você olhar, tanto a bandeira quanto o brasão, eles se confundem. A bandeira é verde e amarela, e tem como símbolo uma locomotiva. Uma coisa que o pessoal fala, é que essa árvore, que tá dentro do brasão, dentro da bandeira, é o Jaracatiá, a árvore símbolo de Ourinhos. Aí você tem de um lado os ramos de café e do outro os ramos de cana, que seriam as duas culturas que produziram a riqueza durante muito tempo, e até os dias de hoje em Ourinhos. Em latim: terra do povo de ouro. Os rios que estão aqui formando um triângulo para baixo é o Turvo, o Paranapanema e o Pardo (CUNHA, 2019 – transcrição de entrevista gravada).



Fonte: <https://www.ourinhos.sp.gov.br/ourinhos/simbolos-civicos/> (2021)

A - Bandeira de Ourinhos-SP / B - Brasão de Ourinhos-SP

**Figura 2 .** Bandeira e Brasão de Ourinhos/SP.

Fabiana (CUNHA, 2019), ainda destacou sobre outro símbolo local de identidade, o hino, ao retratar que:

O hino é bem novo. Se eu não me engano, é da década de 80. O autor dele eu conheço, é o Fernando Cavezali, é novo ainda... O hino de Ourinhos faz muito sucesso! Eu acho que eu nunca vi um hino de uma cidade fazer tanto sucesso quanto o hino de Ourinhos. Não sei se você já reparou, todo evento é obrigatório você cantar o hino nacional e o hino de Ourinhos. E por quê? Porque foi um concurso e o povo elegeram qual a melhor letra, a melhor música. E vai falar disso, né? Inclusive na melodia você vai lembrar da locomotiva, vai fazer o movimento da locomotiva na música, na melodia. E ele vai falar: “-Ourinhos, a estação final!” [...] O hino vai exaltar muito o que a própria bandeira mostra, essa questão da origem, da estação de trem, do café, da cana. (CUNHA, 2019 - transcrição de entrevista gravada).

A conversa continuou com os subtemas do eixo 2 “Formação Territorial, Cultura e Memória”, material que seria aproveitado no segundo filme da série. Temas como os povos nativos, a origem dos nomes dos municípios de Ourinhos e Chavantes, as manobras dos primeiros tropeiros para ocuparem a região, os movimentos migratórios, a estrada de ferro, os símbolos da identidade local, entre vários outros, foram abordados pela professora. Com conexões com a História do Brasil, seu relato demonstrou um grande aprofundamento teórico sobre os aspectos temporais do lugar. Dessa forma, finalizamos a segunda entrevista acadêmica com um vasto e potente material em áudio, que demandaria escolhas delicadas sobre o que deveria “ficar dentro” e o que deveria “ficar fora” do filme.

Posteriormente às entrevistas com os docentes da UNESP Ourinhos/SP, reunimos os 2 (dois) núcleos cinematográficos e começamos a contatar alguns dos entrevistados nas praças, para agendar a gravação audiovisual dos depoimentos.

Nosso primeiro itinerário foi a Vila Odilon, onde gravamos com Mauro Perez, o caminhoneiro indicado pelos colegas de profissão; e com Dona Paulina, a senhora centenária. As conversas foram tão intensas que, igualmente, renderam conteúdo para o segundo filme da série. Todavia, para além das entrevistas, gravamos cenas roteirizadas com Mauro dirigindo o caminhão (figura 3A), Dona Paulina Nogueira (Figura 3B) ouvindo rádio enquanto esperava alguém e seu vizinho de doze anos, Gustavo Araújo (Figura 3A), atuando como seu possível parente.

A entrevista com Mauro foi gravada apenas em áudio, buscando uma locução equivalente à do professor Piroli, mas com as referências da localização a partir de sua experiência como caminhoneiro, onde foi possível destacar aspectos subjetivos do lugar. Mauro iniciou sua falanda dizendo que:

Estamos a 375 quilômetros de São Paulo. As vias de acesso, tanto de São Paulo como de Bauru, são a Orlando Quagliato; a Raposo Tavares, que vem de Avaré, Pirajú, Itapetininga, Assis; a BR-153, para quem vem de Marília, São José do Rio Preto. Estamos bem na divisa com o Paraná. Aqui é um entroncamento, que sai para Curitiba, Londrina, Presidente Prudente. Aqui é um entroncamento obrigatório para quem vem de São Paulo, em direção a Londrina, Cascavel, Mato Grosso. A partida é daqui [...] (PEREZ, 2019 transcrição de entrevista gravada).

Na sequência, Mauro destacou os elementos não-humanos do lugar, ao dizer que “[...] Ourinhos é uma cidade muito arborizada. Ela é ilhada. Tem o Rio Pardo, Paranapanema, o Turvo. O ar é maravilhoso, ela é diferente nisso aí. Se você estiver em qualquer outro centro grande, não tem tanta árvore, tanta mata, quanto tem aqui” (PEREZ, 2019 - transcrição de entrevista gravada).



Fonte: Borges (2020) – adaptado autores (2021).

A - Mauro Perez e Gustavo Araújo no caminhão (Fotograma por Rogério Borges, 2019) /  
B - Set de filmagem da entrevista com Dona Paulina Nogueira (acervo PIBID UNESP Ourinhos, 2019) / C - Área  
externa da cerâmica (Fotograma por Rogério Borges, 2019) - Imagens cedida para a Produção Cinematográfica.

**Figura 3.** Personagens Mauro, Gustavo, Dona Paulina e Área Externa Cerâmica.

Durante a diária de gravação na Vila Odilon, tanto nas chaminés visíveis na paisagem, quanto nas entrevistas, emergiam as olarias e cerâmicas, como nessa fala de Mauro:

Desde que eu tenho caminhão, toda vida eu trabalhei com cerâmica. Puxei barro, puxei lenha, puxei telha, então pode-se dizer que o início de tudo foi a cerâmica. Hoje os ceramistas procuraram também ter caminhão, porque ficava mais prático para eles, que a gente se afastou um pouco, mas por mais de 30 anos eu trabalhei com ceramistas. Um povo muito bom, fácil de se lidar, honesto, é uma família. A Vila Odilon, Vila Musa, aqui todo mundo é uma família. (PEREZ, 2019 transcrição de entrevista gravada).

Dessa forma, decidimos então assumir esse desvio e ir até uma cerâmica (Figura 3C) de propriedade da família de Dona Paulina, que fica no bairro vizinho.

Em aproximadamente 1 hora, filmamos planos da cerâmica por dentro e por fora, porém apenas as tomadas externas foram utilizadas na montagem de “Localização e Identidade”, e assim terminamos as filmagens na Vila Odilon.

Nos dias seguintes fomos até o Centro Universitário UniFio, onde fica o Museu de Artes da FIO, indicado pelo secretário municipal de Cultura. Lá nos encontramos inicialmente com o Professor Francisco Cláudio Granja, curador do espaço, e com Dr. Roque Quagliato, o presidente da entidade e mantenedor do museu. Entre conversas e contemplação de pinturas, bordados, esculturas, gravuras, foram dois dias de produção nesse lugar que, também, contou com a participação de artistas locais, falando sobre Ourinhos e a relação do lugar com seus processos criativos.

Gravamos um plano com a monitora do museu e artista plástica Iara Caboclinho (Figura 4A), que foi utilizado na cena do hino de Ourinhos, quando a música acaba e ela retira sua máscara, revelando um olhar com forte expressão, como uma camada oculta desse lugar.



Fonte: Borges (2020) – adaptado autores (2021).

A – Máscara, artista e Tela (Artista Plástica Iara Caboclinho) / B – Bordado da chaminé com árvore dentro (autoras: Grupo Bordado & Prosa) - Fotogramas por Rogério Borges (2019).

**Figura 4.** Máscara, Artista, Tela e Bordado.

Outra interação artística ocorreu com o Grupo Bordado & Prosa, que nos contou sobre a origem do coletivo e histórias imbricadas aos seus processos criativos. Na fala da bordadeira Tânia Fernandes (2019), novamente surgiram as chaminés das olarias/cerâmicas (Figura 4B), além da escola mais antiga do município, ao dizer que:

A chaminé. A gente passa ali há quantos anos e resiste essa chaminé ainda! A minha irmã (bordou a escola) porque estudou ali, foi a primeira escola de Ourinhos. Minha irmã tem 81 anos, então ela quis deixar registrada essa afetividade. Cada um tem a sua história particular e queria deixar registrado isso para Ourinhos, para os ourinhenses, para a turma gostar do bordado, para valorizar o trabalho manual também (FERNANDES, 2019 - transcrição de entrevista gravada).

Após as conversas com esses e outros artistas, fizemos um passeio pelo museu com o Professor Granja, que falou detalhadamente de cada uma das obras, assim como sobre a localização do município, ao dizer que “Ourinhos é uma cidade que está localizada entre duas grandes capitais, que é Curitiba e que é São Paulo [...] praticamente dividindo as duas [...]” (GRANJA, 2019 - transcrição de entrevista gravada).

É interessante notar nessa fala sua percepção quanto à localização do município, que não está exatamente no caminho entre Curitiba e São Paulo, mas sim que forma um triângulo em relação a elas. Com uma caminhada de Granja no corredor do museu, no qual ele sonhou a vida toda em criar, terminamos a gravação com sua saída pelo plano e, fechando o enquadramento em um Jesus Cristo feito de latão, exposto na parte externa do prédio da Centro Universitário UniFio.

### **Caminhada fotográfica: trançando imagens e paisagens**

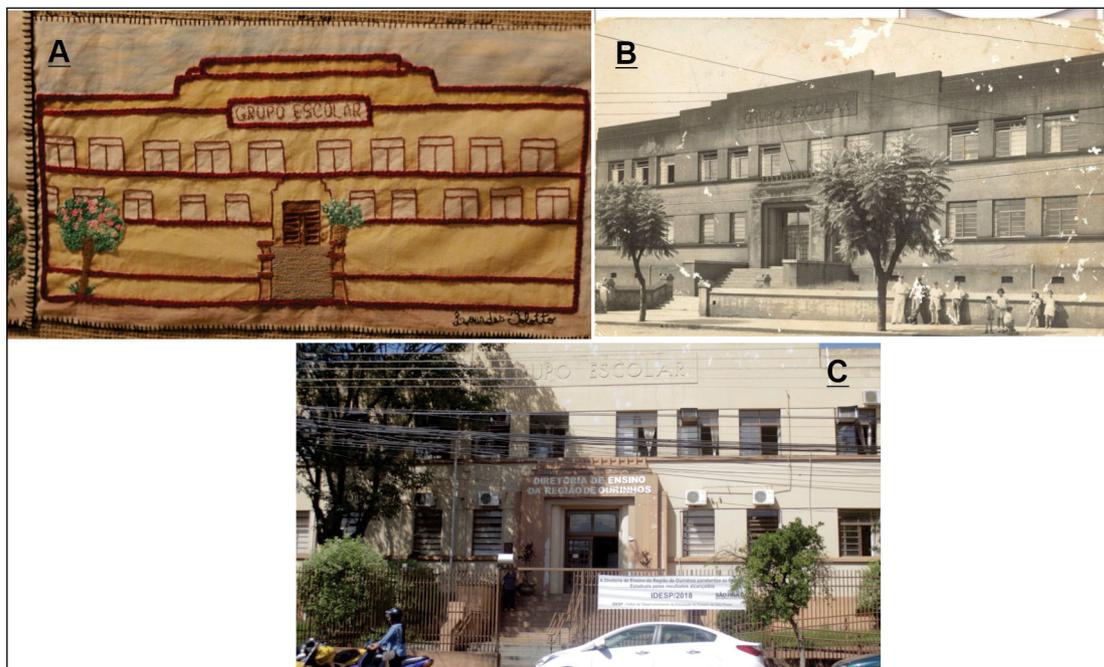
Após a etapa de gravação das entrevistas, debruçamos sobre o vasto acervo de imagens que havíamos composto nas etapas anteriores da pesquisa, que contava com fotografias de diversas origens, sendo: a) feitas com celular pelos alunos da Escola Racanello (vide artigo destacado na NOTA 4 – sobre a oficina de fotografia e cinema aos alunos do EF II); b) tiradas das obras de arte da FIO e; c) uma compilação histórica organizada pelo CEDOM<sup>11</sup>.

O objetivo dessa etapa foi criar imagens e contrastá-las com outras obras de diversos autores, chocando diferentes temporalidades e evidenciando os movimentos, humanos e não-humanos, que atuam na composição do lugar. Nessa excursão, notamos à cada passo a coexistência do velho e do novo, numa constante transformação, que nunca concluía a real dimensão da multiplicidade de Ourinhos (BORGES, 2020).

Dessa dinâmica, diferentes espaços e tempos do lugar emergiram nas imagens, as quais eram trançadas por algumas paisagens do centro da cidade. Com uma câmera e algumas imagens históricas em mãos, iniciamos uma caminhada fotográfica em busca daquelas paisagens.

Comparando as imagens com as paisagens e dialogando com transeuntes, fomos traçando o percurso errante, sem saber ao certo onde, como e quando terminaria a busca. O sol forte e o calor do dia, lembravam dos agentes não-humanos do lugar. A geografia que se manifestava independente das entrevistas. No início, fotografamos os prédios públicos antigos, que já existiam na memória visual da paisagem. Algumas locações foram difíceis de encontrar, pois as transformações impostas pelo tempo e pela dinâmica do lugar haviam produzido novas formas, novos espaços na paisagem.

Enquanto algumas formas da cidade se perderam no tempo, outras persistiram e (re) existiram nas obras de diversas linguagens, como é o caso do prédio da atual Diretoria de Ensino, antigo Grupo Escolar (Figura 5).



Fonte: Borges (2020) – adaptado autores (2021).

A – Grupo Escolar: Bordado / B – Grupo Escolar: Foto Histórica (CEDOM, ano desconhecido) /  
C – Grupo Escolar – Diretoria de Ensino: Foto Atual - Fotografias por Rogério Borges (2019).

**Figura 5.** Diretoria de Ensino e Antigo Grupo Escolar de Ourinhos/SP.

Outro importante prédio que encontramos nos bordados foi a Santa Casa (Figura 6), que também fotografamos durante a caminhada.



Fonte: Borges (2020) – adaptado autores (2021).

A – Santa Casa: Bordado / B – Santa Casa: Foto Atual - Fotografias por Rogério Borges (2019).

**Figura 6.** Santa Casa de Ourinhos/SP.

Importante ressaltar a presença dos referenciais relacionados à educação e à saúde nas imagens mentais dos artistas. Isso reafirma como essas duas pautas, que geralmente são banalizadas nos clichês dos discursos de políticos, são pontos elementares para a constituição dos lugares.

Um outro espaço de convívio foi muito presente nas obras, a Praça Mello Peixoto (Figura 7).



Fonte: Borges (2020) – adaptado autores (2021).

A – Praça Mello Peixoto: Pintura (autor: Silvano Chiaradia) / B – Praça Mello Peixoto: Foto Histórica (CEDOM, ano desconhecido) / C – Praça Mello Peixoto: Foto Atual - Fotografias por Rogério Borges (2019).

**Figura 7.** Praça Mello Peixoto.

A Praça Mello Peixoto fica bem no centro de Ourinhos, próxima à estação ferroviária e ao terminal de ônibus. As imagens apresentaram diferentes temporalidades impressas na paisagem, de modo que uma referência do lugar, o coreto, presentes na Figura 7A, já não existe mais na figura 7C, uma vez que foi demolido recentemente para a construção de um palco de alvenaria destinado a eventos públicos. O elemento água também é uma

importante referência da praça, haja vista que no passado foi utilizado como cocho para os cavalos beberem água e, atualmente ganha movimento através de uma fonte/chafariz, onde as pessoas vão passear aos finais de semana e feriados.

Saindo da praça, ainda fotografamos mais uma porção de prédios e pontos de referência que encontramos pelo centro, onde após cerca de 4 (quatro) horas caminhando e fotografando, chegamos a um esgotamento físico e criativo. Envoltos pela efervescência do processo geográfico, ainda acreditávamos não ter material suficiente para os objetivos de contrastar diferentes tempos nas imagens. Todavia, em um balanço no final do dia, ficamos surpresos quando contabilizamos as mais de 50 (cinquenta) fotografias produzidas, das quais uma parte foi incorporada na dissertação de BORGES (2020).

### Montagem geográfica e outras linguagens: em busca de imagens e sons

Concluídas as etapas de gravação do Eixo 1 - “Localização e Identidade”, iniciamos o processo de pós-produção, onde levamos todo o material para uma ilha de edição<sup>12</sup>. O acervo audiovisual era vasto, mas ainda era necessário contrastá-lo com os subtemas do eixo temático do projeto macro, para conferência se contemplaria todo o conteúdo previsto na proposta inicial.

Produzimos então uma espécie de escaleta<sup>13</sup> cinematográfica a partir dos subtemas, onde começamos a pensar a edição do filme por blocos, e assim buscamos nas ferramentas disponíveis na internet, os materiais que pudessem complementar o que já havíamos gravado. A Figura 8, mostra os recursos utilizados para a edição e a interface com a Geografia.



Fonte: Borges (2020) - adaptado pelos autores (2021).

Figura 8. Edição e Interface com a Geografia – Linguagens Utilizadas.

O primeiro plano do filme é o planeta Terra visto de fora e, logo no primeiro bloco, quando Mauro descreve a localização de Ourinhos, sentimos a necessidade de incluir textos extras na locução, com outras informações e conteúdos que estavam presentes na versão digital do Atlas Municipal Escolar<sup>14</sup>. Na impossibilidade de reencontrar o caminhoneiro para uma nova gravação, o diretor cineasta fez a locução, a partir de uma narrativa em consonância com as falas de Mauro e do professor Piroli.

Uma outra demanda que ainda surgiu nesse bloco, foi a inclusão de referências visuais para as rodovias mencionadas na locução. Nesse sentido, incluímos imagens em 360° do *Google Street View* (Figura 9A), mapas (Figura 9B) e imagens de satélite do *Google Earth* (Figura 9C), que somadas às imagens aéreas captadas por drone nas gravações (Figura 9D), criaram um bloco com um ponto de vista na perspectiva tradicional da cartografia, ou o que Girardi (2012, p. 43) chama de um “modo de olhar projetionista (o olhar de cima, ou truque do olho de Deus, ou olho de Apolo)”. Segundo a autora, esse é “[...] de todos os elementos formais do que concebemos como mapa, o que parece dar maior identidade a este objeto, a esta linguagem” (GIRARDI, 2012, p. 43).



Fonte: Borges (2020) – adaptado autores (2021).

A - Imagem 360° da Rodovia Mello Peixoto (Fonte: Google Earth, 2019) / B - Mapa do município de Ourinhos (Fonte: Google Earth, 2019) / Figura 8C - Imagem aérea da Rodovia Transbrasiliana (Fonte: Google Earth, 2019) / D - Imagem aérea da rodovia, captada por drone (Fotograma por Felipe Martins Ribeiro, 2019).

**Figura 9.** Imagens de Referências Visuais.

Ainda nesse bloco, o (suposto) rádio do caminhão sintonizado na Melodia FM trouxe referências sonoras do lugar, utilizando o programa “SOS Melodia”, conduzido por Luiz Alberto de Melo, “O Homem Alegria do Rádio”, por ser o de maior frequência e, assim maior preferência dos Ourinhenses, por relações afetivas e de encontro de trajetórias ao local.

Após a cartela dos créditos iniciais, entramos no bloco de imersão nos rios de Ourinhos, com uma locução conduzida pelo professor Piroli, gravada durante a entrevista em 2019. Além das imagens de drone, utilizamos as imagens de satélite do *Google Earth* para “sobrevoar” os rios, num efeito criado a partir da gravação da tela do computador, se movimentando pelas setas do teclado sobre a imagem em zoom. O efeito sonoro desse bloco contou com um som de um barco com motor de Fusca encontrado na internet, e um relato pessoal de memórias da infância de uma aluna da Escola Racanello, que narra os cuidados de seu pai para que ela não fosse sozinha até os rios. Um plano extra retirado do *site Youtube.com* foi também inserido na cena, no qual um avião sobrevoa o Rio Paranapanema há poucos metros de altura (Figura 10A).



A - Rio Paranapanema filmado de um avião (Fonte: Youtube,2019) / B - Abertura do programa de TV “Boletim de Notícias” (Fonte: Youtube,2019) / C – Reportagem sobre a cheia do Paranapanema (Fonte: Youtube,2019) / D – Filmagem de drone para matéria web (Fonte: Youtube, 2019). Fonte: Borges (2020) – adaptado autores (2021)

**Figura 10.** Algumas Imagens utilizadas no Filme “Localização e Identidade”.

Foi também no *Youtube.com* que encontramos duas reportagens televisivas sobre os estragos causados por uma cheia do Paranapanema (Figuras 10B e 10C), além de uma imagem captada por drone, com o mesmo tema (Figura 10D). O plantão de notícias invade a tela abruptamente, condizendo com o uso habitual desse tipo de vinheta de entrada: repentino e preocupante.

Enquanto a Figura 10D apresenta uma distorção da superfície, causada pela grande abertura da lente do drone, a figura 10C apresenta uma textura “pixelada” - com os pixels estourados - decorrente da diferença de resolução da gravação, realizada nos anos 1980, e da exportação do filme, realizada em 2019 e exportada em Full HD<sup>15</sup>. Outro aspecto desse bloco é a música experimental de fundo, retirada de um site *Freemusicarchive.org* de músicas livres de direitos autorais, que cria um desenho sonoro com trechos das locuções das matérias televisivas e uma edição com imagens históricas de uma área usada por banhistas, a “Garganta do Inferno” (Figura 11).



Fonte: CEDOM (ano desconhecido)

**Figura 11.** Garganta do inferno.

No bloco seguinte, retornamos ao caminhão de Mauro, num primeiro plano de Gustavo refletido no espelho retrovisor, com imagem-movimento da paisagem ao fundo. Esse plano permitiu uma abertura para compor qualquer trajeto pelos bairros de Ourinhos. Optamos pela utilização das fotografias e vídeos produzidos pelos alunos da Escola Racanello (Figura 12), de modo que a sequência das imagens permitisse que os alunos deduzissem um possível percurso do caminhão, passando pelos seus bairros de moradia.



Fonte: Alunos participantes da oficina de fotografia PIBID UNESP Ourinhos (2019)

A - Garganta do inferno / B - Fotograma do Minuto Lumière com um cruzamento no centro da cidade.

**Figura 12.** Algumas Imagens utilizadas no Filme “Localização e Identidade”.

Uma cartela com o nome do bairro acompanhava cada imagem para facilitar a identificação do percurso: Jardim Ideal, Jardim Santa Fé II, Vila Margarida, Centro, Jardim Soares. A Vila Odilon fecha o bloco das fotografias, num plano que se inicia estático, mas ganha movimento quando Dona Paulina abre a porta de sua casa.

O próximo bloco é iniciado pelo surgimento das chaminés nas imagens. Viajamos para as cerâmicas numa locução conduzida pelas bordadeiras do Grupo Bordado & Prosa e com pássaros cantando ao fundo, retirados de um banco de som livre na internet (site *Freemusicarchive.org*). As cenas em *live action* se alternam com fotografias históricas e bordados, de modo que é possível identificar paisagens em comum nas diferentes imagens.

Quando aparecem os símbolos associados a uma identidade local, como a ferrovia e a bandeira do município, surge a locução da professora Fabiana. Esse bloco é embalado pelo hino de Ourinhos e revela fotografias históricas de eventos tradicionais de uma maneira fragmentada, que preza pelo protagonismo das pessoas comuns, que em uma mirada única e totalizante, ficariam ocultadas nas bordas dos quadros. A segunda parte do bloco é composta pelas obras de arte do Museu da Fio, que misturam esculturas, gravuras, pinturas, apresentando pessoas anônimas, artistas, coronéis e indígenas, formando um mosaico do povo ourinhense. O bloco se encerra com a artista Iara Caboclinho se despindo de sua obra-máscara e com o professor Granja caminhando num corredor, de costas para a câmera, que encontra um Jesus Cristo de latão crucificado no final do plano.

A cena final é composta por dois blocos, sendo o primeiro a chegada do caminhão na casa de Dona Paulina, e o segundo uma nova sequência de fotografias dos alunos da escola, mas agora com texturas de plantas compondo o quadro de maneira subjetiva. O programa de rádio ressurge e quando o radialista se despede, estamos numa imagem 360° do *Google Street View* que mostra a fachada da Escola Racanello, núcleo base do PIBID e do desenvolvimento da pesquisa de mestrado. Após a despedida, ascendemos por um plano zenital em um movimento de zoom out, em que a imagem se afasta lentamente e que aumenta gradativamente sua

escala, permitindo que vejamos toda a malha urbana de Ourinhos, seguida da área integral do município, depois sua região, estado, região sudeste do país, oceano, até um aumento radical, onde podemos ver o planeta Terra, retornando ao plano inicial do filme.

Contudo, após a produção coletiva do filme “Localização e Identidade”, foi na escola onde pudemos efetivamente analisar se nossa proposta de montagem através das múltiplas linguagens, pelo olhar cinematográfico, despertaria o interesse dos alunos e se efetivaria como um dispositivo potente para a educação geográfica, na qual os desvios constatarem a eventualidade do lugar.

## **O FILME “LOCALIZAÇÃO E IDENTIDADE” E O CINEMA COMO PRÁTICA SOCIAL CARTOGRÁFICA NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA**

### **O Filme “Localização e Identidade”**

Com a intenção de tensionar essa suposta linha divisória, entre as noções de “ensino de Geografia” e “educação geográfica”, buscamos no desenvolvimento da proposta metodológica supracitada, caminhos que operaram para além de uma Geografia como objeto e conteúdo a ser transmitido, colocando-a como uma própria potência para a educação, com a incorporação do cinema como prática social cartográfica que inclui uma linguagem, gerando novos devires para novas formas de pensar a educação geográfica. Assim, alguns importantes desafios foram assumidos, sendo:

- a) a adoção do cinema como metodologia de investigação do lugar, na qual o filme representasse uma das etapas da pesquisa, incorporando as demais etapas à dissertação como potências para uma leitura mais aprofundada sobre esse(s) lugar(es) que emergiram a partir das entrevistas, registros iconográficos, mapas, imagens de satélites, vídeos etc.;
- b) o entendimento do cinema como prática social, que possui uma linguagem própria capaz de afetar as noções de espaço e tempo, bem como de fluir por outras expressões artísticas, como as práticas espaciais cartográficas, e incorporá-las em seus múltiplos arranjos nas obras audiovisuais;
- c) a concepção do cinema como obra de arte, que permite uma experiência sensorial para além dos conteúdos possíveis de serem relacionados aos temas presentes nos filmes, que quando associados aos demais conteúdos do componente curricular Geografia, seja possível desenvolver, também, caminhos que estimulem as operações cognitivas espaciais na leitura de mundo, durante o processo de ensino-aprendizagem, a partir dos movimentos, da arte, dos sons, bem como das cenas reais do cotidiano que fazem parte da paisagem, do espaço, do território e suas territorialidades, que apenas pelo mapa tornam-se informações cartesianas representadas em formato gráfico e bidimensional (x,y).

Com esses desafios, os resultados com a produção do filme – “Localização e Identidade”, disponível em [<https://youtu.be/jsf14o3Ji3E>], da versão cinematográfica do Atlas Municipal Escolar de Ourinhos-SP, trouxe a ideia de cinema como uma manifestação artística composta por múltiplas linguagens (fotografia, oralidade, dramaturgia, som, música, mapas e imagens, entre outras), que tem a capacidade de proporcionar sensações que extrapolam as informações já apresentadas em sala de aula, de modo que o professor consiga discutir as obras e relacioná-las aos conteúdos, se assim for necessário, sem, contudo, cair no reducionismo que Bergala (2008, p. 38) classifica em “conteudismo” e/ou “linguagismo”. Borges (2020), esclarece que:

[...] o conteudismo seria a redução da experiência cinematográfica à ilustração do conteúdo presente na obra, sendo necessário por parte do professor estabelecer uma regra inicial sobre o que os alunos devem procurar nos filmes, ou realizar “correções” na interpretação dos alunos, buscando um objetivo já colocado previamente. Neste caso, a potência emancipadora do cinema é podada por sua instrumentalização, numa tentativa de padronizar as experiências e se chegar a um caminho comum. A grande probabilidade dessa aplicação é que os alunos percam o interesse no trabalho com filmes, passando a considerá-los no mesmo rol das “lições” de rotina, ou seja, como parte da regra e não a exceção [...]. Por outro lado, o linguagismo seria a crença de que o cinema deveria tratar apenas das discussões acerca da linguagem, sem estabelecer conexões com a realidade, com o lugar, com o espaço geográfico, que segundo Bergala (2008, p. 39): “[...] esse tipo de linguagismo amputa o cinema de uma de suas dimensões essenciais, que o distingue das outras artes, a de ‘representar a realidade através da realidade’” (BORGES, 2020, p. 43-44 – grifo nosso).

Assim, a busca pela participação dos estudantes no processo de autoria, não somente na leitura dos filmes, mas em sua composição artística, foi uma etapa importante da metodologia (vide artigo destacado na nota 4). Adotando os alunos como agentes ativos na criação cinematográfica, democratizamos a criação audiovisual, de acordo com os olhares e afetos de cada um. Neste sentido, diante dos resultados obtidos com a produção cinematográfica, caminhamos para o que efetivamente acreditamos:

[...] que o pensar o cinema como um agente perturbador na escola é aceitar sua real potência de modificar padrões e questionar tradicionalismos, em busca de deslocamentos no processo pedagógico. É necessário assumir posturas sem o medo de “passar do ponto”, afinal esse ponto já não existe em um modelo ideal e muito provavelmente não estaríamos pensando novas possibilidades se o caminho vigente estivesse conduzindo a um destino confiável. Mais do que entreter os alunos ou tornar digerível conteúdos densos de Geografia, o cinema pode ser o próprio fator geográfico, que atua tanto na leitura do lugar, quanto em sua constante transformação (BORGES, 2020, p. 44).

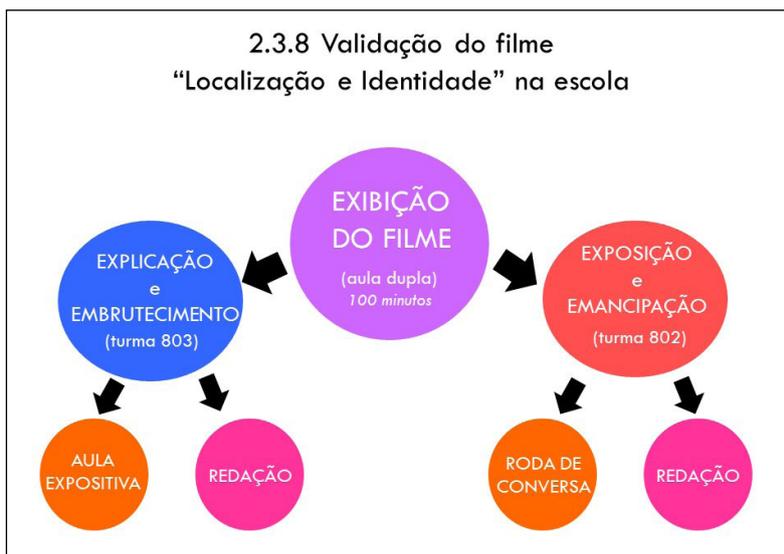
Contatações em que tão importante, quanto as etapas da metodologia que envolveram a gravação e a edição dos filmes, foi a prática pedagógica a partir da validação do material no ambiente escolar e a análise de sua viabilidade educativa em sala de aula. A grande questão prevalente nessa etapa era que a relevância do material iria depender da concepção abordada, pois um direcionamento equivocado poderia levar a conclusões precipitadas sobre sua funcionalidade.

### **Validação do Filme “Localização e Identidade” no Ambiente Escolar**

Seguindo os caminhos e preocupações apontados por Rancière (2019) em seu livro “*O Mestre Ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*”, no qual o autor divide a atividade educadora em dois atos, realizamos a exibição do filme pelas vias do embrutecimento e da emancipação, onde segundo Rancière (2019):

[...] instruir pode, portanto, significar duas coisas absolutamente opostas: confirmar uma incapacidade pelo próprio ato que pretende reduzi-la ou, inversamente, forçar uma capacidade que se ignora ou se denega a se reconhecer e a desenvolver todas as consequências desse reconhecimento. O primeiro ato chama-se embrutecimento e o segundo, emancipação (RANCIÈRE, 2019, p. 11-12).

Considerando, por um lado a realidade escolar, na qual os professores lecionam disciplinas específicas nas áreas de sua formação e, por outro as atuações do mestre sábio (op.cit.) na busca de possibilidades para utilizar a arte como potência para a educação geográfica, percorremos os dois caminhos nas práticas presenciais em sala de aula, com as turmas dos 8º ano (802 e 803), analisando as influências das ordens explicadora e emancipadora na relação dos alunos com as obras. A Figura 13, mostra a proposta de validação do filme no ambiente escolar.



Fonte: Autores (2021)

Figura 13. Proposta de validação do filme “Localização e Identidade” no ambiente escolar

### a) A Ordem Explicadora e o Embrutecimento

Para a aplicação da ordem explicadora e o embrutecimento, a turma escolhida foi o 8º (oitavo) ano 803, utilizando uma aula dupla (100 minutos) para a atividade. Iniciamos a aula com uma explanação sobre os conteúdos que eles estavam estudando: paisagem natural/cultural e os setores da economia – primário, secundário, terciário. A proposta era utilizar uma aula para a explicação dos conceitos e exibição do filme, e uma aula para a escrita de uma redação sobre a relação dos temas com o filme. A professora da turma (professora supervisora integrante do Programa PIBID) acompanhou a atividade, mas por opção apenas desempenhou um papel mais de disciplinadora.

Nos primeiros 20 (vinte) minutos de aula, falamos sobre os conceitos geográficos, estimulando os alunos a exporem suas visões sobre os temas, fazendo conexões com o lugar de vivência deles. Os alunos ouviram a explicação atentamente, mas poucos se dispuseram a falar. Percebíamos, inclusive, certa insegurança em saber o que realmente deveriam falar.

Quando questionados sobre exemplos acerca do setor secundário no município, vários alunos participaram, respondendo com nome de indústrias e suas atividades. Sobre

o setor terciário, identificaram alguns centros comerciais e lojas, transpondo claramente que a maioria tinha o domínio desses conceitos. Finalizada a explicação, exibimos o filme “Localização e Identidade” e, assim terminamos a primeira aula.

Assim na segunda aula, propusemos aos alunos que escrevessem uma redação relacionando os conceitos destacados na primeira parte da aula, com o filme, porém a maior parte das redações era bem semelhante entre si, resumindo a experiência cinematográfica apenas ao conteúdo do filme (Figuras 14 e 15).

Houve uma homogeneização da escrita e do pensamento, ficando difícil enxergar as particularidades de cada aluno. Nenhuma análise mais aprofundada da obra foi desenvolvida, desconsiderando seus aspectos visuais, sonoros, rítmicos etc. Os alunos fizeram uma leitura conteudista da obra, através de uma forma de análise tradicional, para a qual estão sendo treinados desde o início da vida escolar, buscando desde a primeira aula encontrar respostas para os caminhos que havíamos apontado previamente na aula expositiva sobre os temas e no enunciado para a redação (BORGES, 2020).

Episódio 1 - Localização e Identidade  
  
 O filme trata dos 6 rios que banham  
 em torno de Curitiba eles são: paranapanema,  
 Turvo, sendo [...] Curitiba também tem  
 suas rodovias: Orlando quagliata, Trans  
 brasiliana, Roposo Taveres [...]  
 Ao longo do rio podemos ver  
 moquecas agrícolas, plantações de café ou  
 cana de açúcar.

Fonte: BORGES (2020).

Figura 14. Trecho da redação sobre o filme “Localização e identidade” – ALUNO A.

O filme Localização e Identidade (episódio 1) aborda a localização de Curitiba, e suas construções históricas. Curitiba se localiza no Estado de São Paulo que faz divisa com o Estado do Paraná.  
Seus rios são Rio Pardo, Rio Turvo, Rio Paranapanema, Rio Capivari, Rio Novo, Rio Parí. As rodovias são Orlando Quagliata, Taveres, Transbrasiliana e a Mallo Peicote.

Fonte: BORGES (2020).

Figura 15. Trecho da redação sobre o filme “Localização e identidade” – ALUNA B.

Face ao exposto, por esta dinâmica de educação geográfica foi possível observar que predominou: a) passividade dos alunos; b) ausência de questionamento da obra; c) as redações semelhantes ocultaram a diversidade de pensamento e; d) relação superficial entre os conceitos geográficos e o filme.

Resultados que legitimaram, nesta prática, que pelo ensino embrutecedor, o professor ao fazer a intervenção direta na obra, curva a visão dos alunos para o que ele considera que seja útil ao objetivo da disciplina, através da reprodução de um sistema tradicional de ensino, no qual o aluno é mantido em sua passividade, estimulado a obedecer e a ouvir, deixando seu saber subestimado.

## **b) A Emancipação e Círculo da Potência**

Para a aplicação da ordem emancipadora e círculo de potência, a turma escolhida foi o 8º (oitavo) ano 802, também, utilizando uma aula dupla (100 minutos) para a atividade. A proposta era utilizar uma aula para a exibição do filme e a roda de conversa e, outra aula para a escrita de uma redação sobre a relação dos temas com o filme.

Iniciamos a aula já com a exibição da obra, sem nenhuma explicação previa, e na sequência abrimos espaço para uma roda de conversa com os alunos. No início ninguém manifestou ou mesmo quis falar. Os alunos estavam tímidos e provavelmente não sabiam o que dizer, pois não havíamos dado nenhum caminho indicativo ou mesmo sugestivo para como seguirem com seus diálogos e reflexões. Nós e a professora da turma - professora do Programa PIBID - estávamos ocupando um dos lugares na roda de conversa, como todos os alunos, sem nenhum privilégio de fala, apesar da autoridade implícita na posição de mestres. Sugerimos então um giro pela roda, no qual todos pudessem manifestar suas impressões sobre a obra. Após alguns instantes, um aluno quebrou o silêncio e “sem um caminho prévio” sobre o que falar, o aluno C expôs sua opinião crítica, analisando elementos sonoros e visuais da obra, discutindo a qualidade dos arquivos sonoros utilizados e questionando o ritmo do filme.

O aluno ainda continuou argumentando sobre a paisagem sonora do filme, intitulada por ele próprio como “barulho de fundo”, o que se tornou praticamente um conceito criado pelos próprios alunos e, assim, pela turma. Manifestou o aluno:

Você poderia tirar o barulho de fundo e colocar uma música. Tem programas de áudio. É difícil de mexer, mas tem. Você poderia tentar mexer para tirar o barulho de fundo e destacar mais a voz. Barulho de fundo são os passarinhos, insetos, que estavam ali por acaso (ALUNO C, 2019).

Foi então, que começamos a levantar alguns questionamentos para impulsionar o debate. Perguntamos se eles achavam que Ourinhos possuía mais barulhos de fundo ou músicas suaves.

Após a fala do aluno C, outros alunos incluíram outros problemas sonoros como as variações de volume de uma cena para outra, o áudio estourado em algumas cenas, o som chiado do rádio, as risadas da entrevistada falando sobre o rio, o volume do som dos pássaros, o barulho de cachorros latindo, as buzinas e os sons agudos em geral, entre outros.

Em diversas falas, ficou claro que existiu um incômodo dos alunos perante a obra, pois eles estavam acostumados a assistir vídeos de entretenimento e *youtubers*, e argumentaram que o vídeo precisa “prender a atenção” deles. Perguntamos então se eles achavam que o cinema servia apenas para causar conforto ou se o desconforto poderia ser também uma proposta artística e educativa. Falamos que a escola poderia servir para mostrar formatos que eles não têm acesso na televisão, na rua ou na internet, para levar algo estranho e desconhecido também (BORGES, 2020). Eles começaram a refletir sobre essa hipótese.

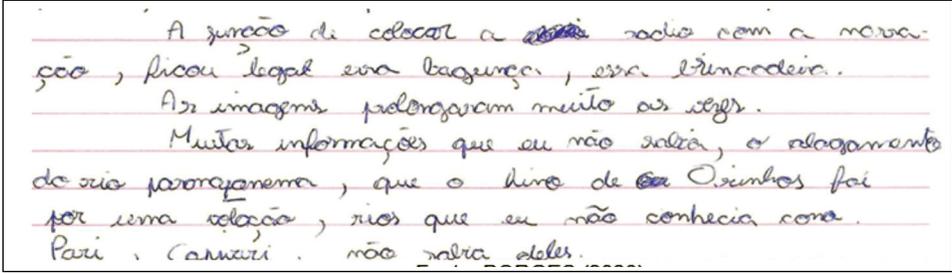
Sobre o incômodo com o som da rodovia, uma aluna disse que existem programas para tirar o barulho do vento na cena do giro 360º das rodovias, e ficou surpresa quando:

[...] revelamos que aquelas imagens de satélites eram do *Google Earth* e originalmente não possuem som nenhum, que aquela paisagem sonora foi criada. Nesse momento, vimos que algumas propostas tinham surtido efeito, mesmo através do incômodo. A aluna estava tão convicta que aquele som era o som real da rodovia, que pensou que estava nos ajudando dando uma dica de como tirá-lo da imagem (BORGES, 2020, p. 147).

Com a roda de conversa já com um ritmo avançado, outras inúmeras considerações foram levantadas, como a curiosidade em saber quem eram as “pessoas importantes” nas fotos antigas, excesso de variações de formato das imagens (internet, televisão, cinema, mapas, fotos etc.) e, também do porquê da existência de mapas nos filmes, já que nas aulas de Geografia incluíam essa linguagem cartográfica e gráfica. Assim, argumentaram que o filme deveria ficar apenas nas cenas “normais”, sem mapas e imagens captadas da tela do computador (BORGES, 2020).

Esgotado o debate sobre as impressões do filme, conseguimos tirar alguns consensos para pensar os próximos episódios, considerando a opinião dos alunos, sem, contudo, desistir de propor formatos diferentes daqueles que já diariamente consomem, uma vez que, “pensamos que o papel da escola seja abrir outras possibilidades e não apenas atender aos desejos dos alunos, que na verdade são produtos de algoritmos e mecanismos tecnológicos” (BORGES, 2020, p. 147).

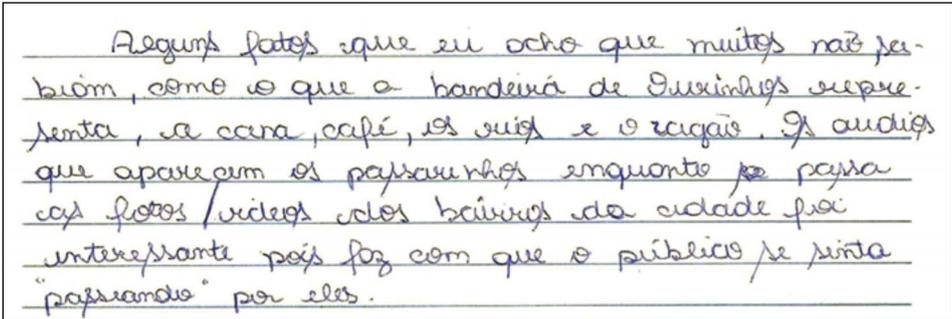
Assim, pelas redações (Figuras 16 a 17), encaminhadas no restante dos 40 (quarenta minutos finais) da segunda aula, os fatores históricos, a cheia do Paranapanema, a especificidade dos bairros e os significados da bandeira foram os maiores destaques.



A gravação de colocar a ~~imagem~~ rodízio com a narração, ficou legal era bagunça, era brincadeira.  
As imagens prolongaram muito os vídeos.  
Muitas informações que eu não sabia, o deslocamento do rio paranapanema, que o livro de Osimhos foi por uma relação, rios que eu não conhecia como Parati, Camarati, não sabia deles.

Fonte: BORGES (2020).

**Figura 16.** Trecho da redação sobre o filme “Localização e identidade” – ALUNO D.



Alguns fatos que eu acho que muitos não percebem, como é que a bandeira de Osimhos representa, a cara, café, os rios e o rio. Os vídeos que aparecem os paisaunos enquanto se passa as fotos/vídeos dos bairros da cidade foi interessante pois foi com que o público se sinta “passando” por eles.

Fonte: BORGES (2020).

**Figura 17.** Trecho da redação sobre o filme “Localização e identidade” - ALUNO E.

Diante do relato, na segunda prática de educação geográfica, o professor permitiu o contato direto dos alunos com as obras, através da exposição sem explicação, possibilitando que o educando criasse seus próprios desafios e buscasse soluções para os momentos de desequilíbrio frente ao novo, onde foi possível identificar: a) quebra da hierarquia intelectual (mestres professores e alunos); b) estranhamento por parte dos alunos frente ao novo; c) liberdade e estímulo para tecerem críticas à obra; d) engajamento dos alunos no debates; e) relações entre o filme e o repertório cultural dos alunos; f) relatos pessoais e relações de conceitos geográficos; g) compartilhamento da experiência sensitiva – tempo e som; h) diálogo e reflexões no estabelecimento de consensos e; i) redações que materializaram a pluralidade do debate.

Pela avaliação de Borges (2020), na dinâmica proposta, a participação da turma na metodologia da exposição sem explicação (RANCIÈRE, 2019) demonstrou um potencial maior do que a metodologia com a explicação previa, pois:

Os alunos se sentiram parte da construção do conhecimento e não apenas agentes passivos que obedecem a caminhos já designados. A multiplicidade do lugar Ourinhos foi evidenciada pelas diversas linguagens que o cinema incorporou, tornando-as uma única obra. Mesmo não estabelecendo uma relação direta da obra com o conteúdo trabalhado em sala (setores da economia), os alunos se sentiram desafiados pelo filme e suas inquietações, pavimentando o caminho para que a professora pudesse continuar o debate e relacionar aos temas que estão trabalhando em sala de aula. [...] Provavelmente a referência do filme ficará por muito tempo viva na memória dos alunos, servindo para confrontar ou confirmar conteúdos geográficos distintos frente a multiplicidade do lugar em que vivem. Além da potência das futuras aulas recorrerem às cenas da obra como disparadoras no processo pedagógico, as sensações proporcionadas pelo filme afetaram o modo como os alunos veem, ouvem, sentem, vivem seu cotidiano, transformando assim a própria experiência de lugar por suas múltiplas leituras através da arte (BORGES, 2020, p. 150).

Em síntese, enquanto na metodologia explicativa os alunos se restringiram a buscar no filme as informações baseadas na aula expositiva, na metodologia sem explicação previa eles se permitiram vivenciar de fato a experiência cinematográfica, ficando livres para experimentar o filme em seus diversos movimentos, sons, imagens, mapas, camadas, ritmos, tempos, enquadramentos etc., fortalecendo o que Rancière (2019, p. 34) chamou de “círculo da potência” (BORGES, 2020), onde sugerimos, que quando associado ao “ensino tradicional da cartografia”, novas práticas espaciais surgem como metodologia de investigação do lugar, novos desenvolvimentos cognitivos reverberam para além da leitura mundo incutida na representação cartesiana, a partir de novos olhares viabilizada pela prática social cartográfica incorporada em seus múltiplos arranjos audiovisuais da linguagem cinematográfica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo produtivo do filme “Localização e Identidade” durou aproximadamente seis meses, entre as primeiras reuniões, entrevistas, roteirização, filmagem até a finalização da obra. Nesse percurso percebemos que nossa metodologia inicial, que utilizaria roteiros

tradicionais de cinema, foi substituída por um acompanhamento de processos abertos, nos quais induzimos o cinema como um disparador e deixamos nos guiar pelos caminhos proporcionados pelos agentes do lugar.

Acreditamos que o imaginário social em torno do cinema, que carrega uma certa carga de glamour, nos favoreceu no sentido do acolhimento da proposta e disposição da comunidade Ourinhense em somar forças no projeto. Mesmo o município possuindo uma cena cultural forte e consolidada em expressões como a dança, a música e o teatro, o cinema se apresentou como diferença, o que fez com que houvesse um engajamento por parte dos alunos e professores da Escola Racanello, da mídia local, da comunidade artística, dos moradores, dos pesquisadores, etc.

Os elementos humanos do lugar foram atravessados por elementos não-humanos, trazendo à tona a plenitude dos rios e sua importância na composição dos diversos modos de vida daquela comunidade. Práticas como a caminhada fotográfica ressaltaram a relação dos nossos corpos com a Geografia, numa experiência de lugar mediada por todos nossos sentidos, nos lembrando que a geografia está em toda parte e o cinema é uma ferramenta que nos possibilita criar e cartografar a partir de nossas miradas e escutas.

Nossos imprevistos foram transformados em percursos de produção e nossos limites em linguagens complementares, o que gerou desdobramentos e possibilidades de interseções múltiplas e, ousado dizer, infinitas, motivadas pelo compromisso inicial com os conteúdos e subtemas do projeto macro. O cinema como dispositivo na prática cartográfica impulsionou caminhos e derivas na composição do lugar, de modo que tudo que apresentamos no filme só existiu a partir dos movimentos gerados pelo próprio *fazer* cinematográfico.

Para além de operar como um dispositivo, o cinema se mostrou como uma linguagem potente para pensarmos novas formas de cartografar, assumindo as distorções inerentes a qualquer produto cartográfico, a partir de cenas reais, locais, que são implícitas de movimentos, sons e nuances da vida cotidiana.

Ressaltamos que não é possível uma representação total da realidade, apenas sua apreensão através de um gesto cultural, seja de um artista, de um cartógrafo ou de um artista-cartógrafo. Nessa direção, apostamos em uma educação geográfica a partir do lugar, na qual a coletividade e a individualidade sejam transpassadas por seus diversos agentes, onde nossas existências possam configurar dispositivos e nossos sentidos potências para outras cartografias e cinematografias.

## NOTAS

3 A presente pesquisa, vinculada à dissertação de mestrado “O cinema como metodologia de investigação do lugar: a versão cinematográfica do Atlas Municipal Escolar de Ourinhos-SP”, disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/202408>, faz parte do projeto macro “*Diferentes Linguagens no Estudo do Lugar: propostas e diálogos para Atlas Municipais Escolares*” sediado no Grupo de Pesquisa em Geotecnologias e Cartografia aplicadas à Geografia – GEOCART/CNPq. Assim, o projeto supracitado, prevê o desenvolvimento de uma proposta metodológica inovadora para a elaboração de um material (para)didático que viabilize o estudo do lugar, por meio da elaboração de Atlas Municipal Escolar, voltados aos alunos de 6º ao 9º ano (II Ciclo) do Ensino Fundamental, com linguagens diferenciadas e complementares entre si, compostas por quatro versões - a versão Analógica (linguagem analógica), a versão Digital Interativa

(linguagem digital), a versão Cinematográfica (linguagem audiovisual) e a versão Tátil (linguagem Tátil) - voltadas para a mediação do ensino-aprendizagem em sala de aula (ZACHARIAS, 2017, p. 8), de maneira que possa agregar em sua composição a tríade - ENSINO, PESQUISA e EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA (ZACHARIAS, 2017, p. 9).

4 Escola parceira para o desenvolvimento metodológico do Projeto, além da validação dos resultados.

5 Vale destacar que além do eixo 1, também, desenvolvemos o filme do eixo 2 (*“Formação Territorial, Cultura e Memória”*), disponível na dissertação de mestrado supracitada no link do repositório da nota 1.

6 O processo de formação em cinema para os licenciandos do PIBID UNESP-Ourinhos foi apresentado no XIII ENANPEGE (Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia). O artigo “Geografia e Cinema: formação de alunos de licenciatura para a utilização da linguagem cinematográfica na educação geográfica” está disponível em: [http://www.enanpege.ggf.br/2019/resources/anais/8/1562636647\\_ARQUIVO\\_GEOGRAFIA-ECINEMAFORMACAODEALUNOSDELICENCIATURAPARAAUTILIZACAODALINGUAGEMCINEMATOGRAFICANAEDUCACAOGEOGRAFICA.pdf](http://www.enanpege.ggf.br/2019/resources/anais/8/1562636647_ARQUIVO_GEOGRAFIA-ECINEMAFORMACAODEALUNOSDELICENCIATURAPARAAUTILIZACAODALINGUAGEMCINEMATOGRAFICANAEDUCACAOGEOGRAFICA.pdf).

7 O processo de categorização e roteirização é explanado na dissertação de mestrado apresentada por BORGES (2020), disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/202408>.

8 Live Action é quando realizamos gravação com pessoas reais.

9 Edson Luís Piroli, Engenheiro Florestal, Mestre em Engenharia Agrícola, na Área de Concentração em Sensoriamento Remoto, pela UFSM, Doutor em Agronomia na Área de Concentração em Energia na Agricultura, na Linha de Pesquisa Planejamento do Uso do Solo, Estudo do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, pela UNESP. Fonte: <http://lattes.cnpq.br/3160202625688560>.

10 Bacharel e licenciada em História pela Universidade de São Paulo onde também concluiu seu mestrado e doutorado em História Social. Fez seu pós-doutorado na Faculty of Arts & Humanities no King’s College London. Atualmente é docente da UNESP-Ourinhos onde coordena um Centro de Documentação e Memória (CEDOM) com o objetivo de preservar a memória local e regional. Fonte: <http://lattes.cnpq.br/5376659157733801>.

11 Centro de Documentação e Memória (CEDOM), que tem como objetivo de preservar a memória local e regional da cidade de Ourinhos. Fonte: <https://www.ourinhos.unesp.br/#!/pesquisa/grupos-de-estudo/cedom/apresentacao/>.

12 O termo se refere, basicamente, a um computador com todos os componentes e acessórios que permitem uma edição fluida.

13 A escaleta é a plataforma de estrutura de atos, sequências, beats e diálogos de um roteiro. Fonte: <https://institutodecinema.com.br/>.

14 O “Atlas municipal escolar de Ourinhos em versão digital: uma proposta de geovisualização” é apresentado na dissertação de mestrado desenvolvido por MARTINS (2016), disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/147054>.

15 Full HD é a sigla de Full High Definition, que significa Máxima Alta Definição. É uma expressão utilizada para designar as características do aparelho de televisão que tem 1920 pixels de resolução horizontal por 1080 linhas de resolução vertical, que permite uma melhor definição da imagem. Fonte: <https://canaltech.com.br/produtos/O-que-e-Full-HD/>.

## REFERÊNCIAS

- AITKEN, S. C.; ZONN, L. E. **Re-apresentando o lugar Pastiche**. Texto do livro Cinema, Música e Espaço. Geografia Cultural. Editora UERJ. Rio de Janeiro, 2009.
- BARBOSA, J. L. Geografia e cinema: em busca de aproximações e do inesperado. *In*: CARLOS, A. F. A. (org.). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 109-131.
- BARROS, R. B; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- BERGALA, A. **A hipótese-cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: Booklink: CINEAD-LISE -FE/UFRJ, 2008.
- BORGES, R. **O cinema como metodologia de investigação do lugar: a versão cinematográfica do Atlas Municipal Escolar de Ourinhos-SP**. 2020. 102 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Rio Claro, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/202408>. Acesso em: 17 set. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 17 set. 2020.
- CUNHA, F. L. Formação territorial, cultura e memória. [Entrevista cedida a] Rogério Borges na UNESP Ourinhos em 09 abr. 2019.
- DELEUZE, G. **Francis Bacon: lógica da sensação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- DUSCHATZKY, S. **Maestros errantes: experimentaciones sociales en la intempérie**. Buenos Aires: Paidós, 2007.
- FERNANDES, T. F. Localização e identidade. [Entrevista cedida a] Rogério Borges em 08 abr. 2019.
- FRESQUET, A. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2013.
- GIRARDI, G. Cartografia geográfica: reflexões e contribuições. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 87, p. 45-65, 2007.
- GIRARDI, G. Mapas alternativos e educação geográfica. **Dossiê: Geografia e Educação**, Florianópolis, v. 13, n. 02, p. 39–51, jul./dez. 2012.
- GRANJA, F. C. Localização e identidade. [Entrevista cedida a] Rogério Borges em 08 abr. 2019.
- MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MASSEY, D. A mente geográfica. **GEOgraphia**, Niterói: Universidade Federal Fluminense, v. 19, n. 40, maio/ago. 2017.
- OLIVEIRA JUNIOR, W. M. de. O que seriam as geografias de cinema? **Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 27-33, 2005.
- OLIVEIRA JR, W. M. A educação visual dos mapas. **Revista Geográfica de América Central**, Costa Rica, n. esp., p. 1-20, jul./dez. 2011.
- PEREZ, M. Localização e identidade. [Entrevista cedida a] Rogério Borges em 08 abr. 2019.
- PIROLI, E. L. Localização e identidade. [Entrevista cedida a] Rogério Borges na UNESP Ourinhos em 08 abr. 2019.
- RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Tradução de Lilian do Valle. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

- REGO, N; COSTELLA, R. Z. Educação geográfica e ensino de geografia: distinções e relações em busca de estranhamentos. **Signos Geográficos**, Goiânia-GO, v. 1, p. 1-15, 2019.
- ZACHARIAS, A. A. **As diferentes linguagens no estudo do lugar**: propostas e diálogos para Atlas Municipais Escolares. 2017. 40 f. Projeto de Pesquisa - Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2017.
- ZACHARIAS, A. A. *et. al.* As linguagens analógica, digital e interativa, audiovisual e tátil na elaboração do Atlas Municipal Escolar de Ourinhos: relatos de uma experiência no estudo do lugar. *In*: PINHO, S. Z. de; OLIVEIRA, J. B. B. de (orgs.). **Núcleos de ensino da Unesp**: artigos dos projetos realizados em 2011. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. v. 3. cap. 11. p. 129- 172.

## REFERÊNCIAS CONSULTADAS

- BERDARNET, J.-C. **O que é cinema**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- KASTRUP, V; BARROS, R. B. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- MARTINS, T. J. **Atlas municipal escolar de Ourinhos em versão digital**: uma proposta de geovisualização. 2016. 172 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - IGCE - Universidade Estadual Paulista – UNESP. Rio Claro/SP, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/147054>. Acesso em: 17 set. 2020.
- MIGLIORIN, C. **Inevitavelmente cinema**: educação, política e mafuá. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2015.
- OLIVEIRA JUNIOR, W. M. Dossiê: a educação pelas imagens e suas geografias. **Proposições**, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 17-28, set./dez. 2009.
- OLIVEIRA JUNIOR, W. M. de. Imagens desabam sobre paisagens: acidente e espaço acidental no cinema de Cao Guimarães. *In*: AZEVEDO, A. F.; RAMÍREZ, R. C.; OLIVEIRA JUNIOR, W. M. (orgs.). **Intervalo II**: entre geografias e cinemas. Braga, Portugal: Universidade do Minho, 2015.
- OLIVEIRA JUNIOR, W.M. Lugares geográficos e(m) locais narrativos. *In*: MARANDOLA JUNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?**: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 119-154.
- OLIVEIRA JUNIOR., W. M. Outros espaços no cinema contemporâneo: campo de experimentações escolares? **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 18, n. 1, p. 67-84, maio 2016.
- OLIVEIRA JUNIOR, W. M.; GIRARDI, G. O cinema como diferença na linguagem do ensino de Geografia: uma cartografia provisória. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 19, p. 45-66, jan./jun., 2020.
- XAVIER, I. Modernismo e cinema. *In*: XAVIER, I. **Sétima arte**: um culto moderno: o idealismo estético e o cinema. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 149-175.